

PROCESSOS FORMATIVOS: A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES E AS AVALIAÇÕES ADAPTADAS

Rosana Auricchio ¹
Leonam Auricchio da Silva ²

RESUMO

A inclusão muito divulgada nas mídias sociais, muitas vezes, traz a exclusão do estudante e das famílias. Neste artigo, será relatada o início de uma experiência de formação continuada na qual os professores vivenciam experiências para auxiliar na inclusão de estudantes deficientes. Realizo um trabalho como Coordenadora Pedagógica de Inclusão em um colégio tradicional da zona leste da cidade de São Paulo-SP. Minhas atribuições, assim como, minha função são bem inovadoras em relação ao cargo de coordenadora pedagógica regular. A equipe gestora e os professores levam muito a sério o trabalho com a Educação Inclusiva. O colégio acolhe muito bem os estudantes. Este ano vim somar com a equipe para aprimorar as avaliações adaptadas e a conscientização dos pais e dos outros estudantes. Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência bem-sucedida de um colégio que adotou a inclusão, além de orientar professores e equipes pedagógicas na elaboração de provas adaptadas e desenvolver programas voltados para a inclusão acompanhando a legislação e as normativas educacionais relacionadas à inclusão e à acessibilidade. A metodologia utilizada será qualitativa de cunho bibliográfico e a estratégia a entrevista semiestruturada com os professores do colégio que preparam as avaliações adaptadas. A fundamentação teórica sobre formação de professores baseia-se, principalmente, em Luckesi (2011), Passarelli (2023) e Santos Guerra (2007) e sobre Educação Inclusiva em Auricchio (2024) e Silva (2023). Os estudantes, após a realização das provas adaptadas, melhoraram seu desempenho em até 60%, tornando-se mais independentes e felizes. Outras atividades para nota, além das provas, podem ser adaptadas, tais como: debate, trabalho em grupo, seminário, visitas culturais acompanhadas de relatórios entre outras. Os pais, em sua maioria, aceitam a inclusão e auxiliam nas terapias propostas. Percebe-se que a comunidade educativa deste colégio, em especial, promove o respeito a diversidade e a equidade social.

Palavras-chave: Formação continuada, Inclusão, Provas adaptadas, Avaliação, Professores.

INTRODUÇÃO

A inclusão está sendo amplamente divulgada nas mídias sociais, muitas vezes, traz a exclusão do estudante e das famílias. Neste artigo, será relatada o início de uma experiência de formação continuada na qual os professores vivenciam experiências para auxiliar na inclusão de estudantes deficientes. Realizo um trabalho como Coordenadora Pedagógica de Inclusão em um colégio tradicional da zona leste da cidade de São Paulo-SP.

Minhas atribuições, assim como, minha função é bem inovadora em relação ao cargo de coordenadora pedagógica regular. As atribuições estão discriminadas da seguinte maneira: 1-

¹ Doutora do Programa de Língua Portuguesa da PUC-SP, Membro do Grupo de Pesquisa Gelep PUCSP, Mestre em Educação-UNICID, Especialista em Psicopedagogia-UNINTER, Graduada em Pedagogia PUC-SP, Professora de Ensino Superior e Coordenadora Pedagógica de Inclusão do Externato NS do Sagrado Coração, roauricchio@yahoo.com.br;

² Pós-graduado em Psicologia Organizacional-UNICSUL, Especialista em Legal Tech- PUC-Minas, Especialista em Gestão de Pessoas-UNITEC, Bacharel em Direito-UNIDRUMMOND, Graduado em Recursos Humanos-UNIDRUMMOND, leauricchio@hotmail.com coautor3@email.com

Desenvolver e coordenar políticas e programas voltados para a inclusão escolar 2-Orientar e capacitar professores e equipes pedagógicas sobre práticas inclusivas e adaptações curriculares; 3-Realizar diagnósticos e acompanhar o progresso acadêmico e social de estudantes com necessidades especiais específicas; 4-Facilitar a comunicação entre escola, família e profissionais da saúde; 5-Garantir a implementação de recursos de acessibilidade física e pedagógica no ambiente escolar; 6-Organizar e supervisionar a elaboração e execução de Planos Educacionais Individuais 7-Promover a conscientização da comunidade escolar sobre diversidade e inclusão; 8-Acompanhar a legislação e as normativas educacionais relacionadas a inclusão e a acessibilidade.

A equipe gestora e os professores levam muito a sério o trabalho com a Educação Inclusiva. O colégio acolhe muito bem os estudantes. Este ano, vim somar com a equipe para aprimorar as avaliações adaptadas e a conscientização dos pais e dos outros estudantes no tocante a inclusão. Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência bem-sucedida de um colégio que adotou a inclusão, além de orientar professores e equipes pedagógicas na elaboração de provas adaptadas e desenvolver programas voltados para a inclusão acompanhando a legislação e as normativas educacionais relacionadas à inclusão e à acessibilidade.

A metodologia utilizada será qualitativa de cunho bibliográfico e a estratégia um questionário sobre a formação e o tempo de docência do professor e uma entrevista semiestruturada com os professores do colégio que preparam as avaliações adaptadas. Este artigo traz a experiência utilizada em 2024/2025 da tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada Avaliação com Aprendizagem: Uma conquista. O projeto teve anuência do comitê de ética da universidade mencionada.

A fundamentação teórica sobre formação de professores baseia-se, principalmente, em Luckesi (2011), Passarelli (2023) e Santos Guerra (2007) e sobre Educação Inclusiva em Auricchio (2024) e Silva (2023). Neste caso, foi fundamentada a fala dos professores com a teoria elaborada pelos teóricos renomados e reconhecidos pela academia e pela Educação.

Os estudantes, após a realização das provas adaptadas, melhoraram seu desempenho em até 60%, tornando-se mais independentes, autônomos e felizes. Outras atividades para nota, além das provas, podem ser adaptadas, tais como: debate, trabalho em grupo, seminário, visitas culturais acompanhadas de relatórios entre outras. Não é fácil derrubar alguns paradigmas, mas é necessário ousar mudar e inovar. Os pais, em sua maioria, aceitam a inclusão e auxiliam nas terapias propostas. Percebe-se que a comunidade educativa deste colégio, em especial, promove o respeito a diversidade e a equidade social.

METODOLOGIA

A produção dos dados, neste artigo, teve como instrumentos de pesquisa um questionário para a caracterização dos participantes no tocante à formação e à atuação como

profissionais da educação, entrevistas semiestruturadas com dez professores de diferentes áreas do conhecimento de uma escola privada. Além disso, analisamos as avaliações cedidas por esses profissionais. A análise dos dados teve inspiração nos núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos de Aguiar e Ozella (2006) e nos estudos sobre análise de conteúdo de Bardin (2020).

As considerações do Comitê de Ética – PUC-SP sobre a pesquisa proposta foi que a exposição do projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo-se concluir que a proposta de pesquisa em tela, possui uma linha metodológica definida, base da qual foi possível auferir conclusões consistentes e válidas. A aprovação do relatório deu-se em 30 de janeiro de 2025.

REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação é uma constante em nossa vida. Oliveira (2007, p.26) afirma que nas interações cotidianas, em casa em nossa trajetória profissional, ou em nossas atividades de lazer, “a avaliação sempre se faz presente e inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos e sobre o que estamos fazendo e também sobre o resultado de nossos trabalhos”.

Além desse contexto de avaliação no cotidiano, assevera Luckesi (2005, p.118) que a avaliação vai além do ato de planejar e de executar, já que contribui para o processo de uma ação intencionalmente planejada. O autor diferencia a ação espontânea, que é aquela que acontece por acontecer, que não tem planejamento e nem uma direção traçada, da ação intencionalmente planejada que tem um desejo claro da meta que se quer alcançar. “O ato avaliativo é uma ferramenta permanente na vida do ser humano e, por isso, é necessário que seja usado da melhor forma possível”.

Hoffmann (1992, p. 18) define a avaliação como uma reflexão que se transforma em uma ação. Nessa perspectiva, a ação “nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, do educador, na sua trajetória de construção na qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação”.

Neste sentido, educador e educando aprendem juntos durante o período de avaliação e de vida. Além do aprendizado, Luckesi (2002) implementa a necessidade de uma tomada de decisão. Para Luckesi (2002, p. 81), a “avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade tendo em vista uma tomada de decisão.” Essa decisão faz o estudante transpor da fase passiva para a ativa, motivando a autonomia e o interesse pelo aprendizado significativo para sua vida e não somente para a realização de uma prova.

Complementa Luckesi (2011, p.264) que a avaliação escolar, para ter significado, precisa ser sinônimo de reflexão e necessita ter alguns critérios para determinar o que será

avaliado. Em outras palavras, “avaliar exige uma constante ação reflexiva, para a qual são necessários critérios explícitos que direcionem a interpretação e a compreensão dos aspectos a serem avaliados”.

Tem-se a avaliação classificatória que cumpre uma função e a avaliação como aprendizagem, outra. Uma dá apoio à outra. O professor, ao planejar a avaliação, necessita ter critérios para que possa, assim, escolher o instrumento mais adequado para favorecer a aprendizagem dos estudantes.

Fernandes (2013) relata o envolvimento de diferentes instituições quando a discussão é a avaliação. Ao considerar a avaliação um processo social, o autor destaca como fator complexificador do processo avaliativo o peso que a avaliação tem na vida dos indivíduos e nos seus papéis sociais no contexto escolar, em que estão em jogo suas práticas e seus valores pessoais.

A avaliação da aprendizagem, na medida do possível, foca na avaliação denominada somativa e a avaliação para/como aprendizagem fundamenta-se na avaliação formativa. Deste modo, o estudante é avaliado durante o processo de aprendizagem e o professor e o estudante são os autores principais do processo de avaliação.

Os dois termos têm igual relevância, cada um interage de maneira específica para contribuir para uma educação integral, observando as habilidades, as atitudes e os conhecimentos do estudante durante um período de tempo.

O autor Santos Guerra (2007) utiliza o termo “avaliação como aprendizagem” e explica que a avaliação pode ser concebida como um fenômeno destinado à aprendizagem e não somente para comprovar a aquisição da aprendizagem. O professor, ao refletir sobre sua prática cotidiana, necessita verificar o objetivo da avaliação, quais os instrumentos que utilizará para avaliar os estudantes e se a avaliação está à serviço da aprendizagem.

Para auxiliar o professor, a formação continuada, para Imbernón (2009), é um fator importante de aprimoramento profissional. No entanto, há outros fatores relacionados às condições de trabalho (recursos materiais, salário, clima da escola, plano de carreira, entre outros fatores) que não podem ser desconsiderados.

Santos Guerra (2007), nesse sentido, afirma que a avaliação pode converter-se numa plataforma de debate na formação continuada que auxilie a instituição a melhorar o ensino e a aprendizagem. Não deve ser uma prática que conduz ao individualismo e à competitividade. Descreve doze princípios gerais da avaliação como aprendizagem, dentre eles analisa a avaliação como um processo moral e não como um processo meramente técnico. Isso significa que é necessário saber a que valores a avaliação serve e a quem beneficia.

O autor sustenta que a avaliação tem de ser um processo e não um ato isolado. A avaliação deve estar contextualizada e levar em consideração as condições em que se produz a formação discente e argumenta que é preciso que a avaliação seja um processo participativo.

À linguagem sobre a avaliação é abordada por Santos Guerra (2007) e pretende deixar claro que uma coisa é a avaliação e outra coisa é a qualificação. Discorre sobre o rigor da avaliação e explica que é necessário utilizar instrumentos diversos.

Santos Guerra (2007, p.21), assevera que a avaliação é um catalizador de todo o processo de ensino e de aprendizagem. A avaliação permite que se ponha em discussão as concepções sobre a sociedade e sobre a formação discente e proclama que o conteúdo da avaliação tem de ser completo e globalizante. Isso significa que a aprendizagem tem muitas facetas e devem ser avaliadas por métodos diferenciados.

O autor garante que a avaliação tem de servir à aprendizagem. A avaliação tem de ser utilizada para os objetivos de compreender e de aprender para que produza decisões de mudanças e não somente para medir e para classificar. Alerta que a avaliação como um ato individualista se torna perigosa duplamente.

Os doze princípios apresentados por Santos Guerra (2007) são considerados por diversos autores e estudiosos como condições necessárias para um processo avaliativo justo, criterioso e de uso formativo no ambiente educacional em qualquer segmento ou nível de ensino. Defende-se uma noção de avaliação que tem por finalidade contribuir com a aprendizagem ao oferecer informações que permitam a adaptação do trabalho do professor às necessidades dos estudantes, privilegiando-se uma completa e real integração entre os processos de avaliação, de ensino e de aprendizagem.

Os professores, em sua maioria, têm conhecimento dos diversos instrumentos avaliativos, de seus objetivos e de sua forma de aplicação. Conhecer os instrumentos e refletir sobre sua utilização pode ajudar a impulsionar a discussão desta pesquisa. Entre os instrumentos avaliativos mais relatados pelos autores, nesta pesquisa, estão: o conselho de classe, a autoavaliação, a avaliação cooperativa, a observação, a inquirição e o relatório.

A escola privada oferece à comunidade do entorno da Educação Infantil ao Ensino Médio, de forma presencial e no turno diurno, nos períodos matutino e vespertino (somente Educação Infantil e Anos Iniciais). É uma escola tradicional no bairro, confessional, católica e que atrai muitas famílias que procuram um ensino de qualidade. Possui 60 funcionários, sendo 50 professores e, destes, 15 professores ministram aulas no Ensino Médio. A escola possui, por segmento, o seguinte número de matrículas: Educação Infantil: 57, Anos Iniciais: 245, Anos Finais: 228, Ensino Médio: 116 e Educação Especial: trinta e cinco.

A escola é muito limpa, arejada e com diversas árvores e jardins. É composta por três prédios. Há uma recepção, uma sala para o financeiro, uma sala para o marketing, uma biblioteca, dezesseis salas de aula em cada prédio, uma sala para a direção, quatro salas de coordenação, dois refeitórios, uma cozinha profissional, um laboratório de informática, um laboratório de ciências, uma sala de reunião, um auditório, duas quadras internas, um campo de futebol externo, uma quadra de areia externa, dois parques, um lagunho com carpas, um galinheiro, um espaço com árvores frutíferas, uma capela, um pátio e uma cantina.

Possui recursos tecnológicos como internet para uso educacional, banda larga e material didático diversificado. Inclui instrumentos musicais, acervo multimídia, equipamentos de som, materiais esportivos e recreativos, mesa de pingue-pongue e mesa de pebolim.

As atividades extracurriculares oferecidas no ano de 2024 são: futebol (20 estudantes), handebol (25 estudantes), balé (30 estudantes) e ginástica artística (15 estudantes). Aos domingos, a capela da escola abre as portas para a realização de uma missa para a comunidade externa.

A escola privada apoia a inclusão e contratou uma coordenadora pedagógica para cuidar dos estudantes neurodivergentes. Há rampas de acesso em um dos prédios e o projeto para a colocação de piso tátil, de elevador e de placas de identificação de acessibilidade para deficientes.

A equipe gestora da escola é composta pelo mantenedor, pela diretora, por um orientador educacional e três coordenadoras pedagógicas. O grupo conhece os professores, os estudantes e os funcionários e interagem com todos.

A comunidade escolar tem uma condição econômica razoável, pode-se dizer de classe média³. A maioria das famílias é composta de pai, mãe e dois filhos, no máximo.

O projeto da escola está alinhado com as normas e regulamentações educacionais, incluindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Teve sua última atualização concluída em 2024.

Vê-se que o ensino é de qualidade; a infraestrutura é boa; os professores estão qualificados e os recursos tecnológicos se equiparam. Porém, nossa proposta de provas adaptadas foi aceita pela maioria dos professores. Alguns foram resistentes ou não tinham opinião formada sobre o tema.

Conhecemos a coordenadora pedagógica, que nos atendeu prontamente, apresentou-me aos professores e nos levou para uma sala reservada. Neste dia, os professores se apresentaram e responderam aos questionários.

No dia seguinte, voltamos à escola e realizamos as entrevistas. Dissemos que as entrevistas seriam gravadas, mas sem a identificação da escola e dos professores. Cada professor, no seu ritmo, foi respondendo às questões e, de forma muito clara; os padrões da escola foram incutidos no trabalho pedagógico deles. É uma escola católica, que trabalha com princípios religiosos na formação dos professores.

O questionário foi respondido de forma individual e nenhum professor teve dúvidas. A entrevista semiestruturada também foi respondida de forma individual em uma sala reservada. Uma professora respondeu somente o que foi perguntado e os outros quatro professores deram detalhes valiosos para complementar as informações pesquisadas.

Os professores elogiaram o apoio do mantenedor, que é religioso; da direção, da coordenação e da orientação pedagógica que são leigas. Aparentemente, o trabalho flui bem e em conjunto. Todos dão a mesma orientação aos pais, o que facilita a comunicação entre a equipe gestora da escola.

Os professores estão motivados e preocupados com os alunos inclusivos, que são atendidos da Educação Infantil ao Ensino Médio. A escola tem mais ou menos sessenta estudantes de inclusão com diferentes diagnósticos.

Elaborar uma avaliação não é tarefa fácil. A escolha dos instrumentos avaliativos deve seguir objetivos e critérios determinados pelo professor. É neste momento de elaboração da avaliação, que o professor define se sua avaliação tem o caráter formativo, classificatório ou somativo.

Devido a isso, o professor precisa ser o autor de sua prática docente e ter em mente seus educandos; vislumbrar as habilidades, as competências, as questões socioemocionais e os valores embutidos em cada instrumento.

A produção de dados foi efetivada mediante à entrevista semiestruturada, ao questionário e à coleta das provas elaboradas pelos professores participantes da pesquisa. Os professores foram resilientes em entregar suas provas sem receio de críticas ou observações. Compreenderam, talvez, que a proposta não era a de julgar ou censurar os exercícios propostos, mas de observar, analisar e auxiliar o professor para que o instrumento prova não se torne punitivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura minuciosa das transcrições das falas dos professores, ficaram perceptíveis certos agrupamentos de respostas, os quais podem ser vistos dentro da categoria número um, referente à Concepção de Avaliação, que foi a primeira questão da entrevista. “Para você, o que é avaliação? ”. No agrupamento 1, encontramos a concepção de avaliação de forma ampla; no agrupamento 2, a concepção de avaliação como aprendizagem e no agrupamento 3, a concepção de avaliação relacionada a prova e, consequentemente, a nota.

O agrupamento 1 traz a concepção de avaliação de forma ampla, isso é, de forma abrangente, sem restrições.

Prof. 5 “Avaliação é uma maneira de conhecer o indivíduo, que na escola chama estudante. É saber o que ele gosta, o que ele entende, o que ele critica, o que ele não compreende.”

Fernandes (2009, p.83) sustenta que “as aprendizagens dos alunos devem ser avaliadas através de uma diversidade de estratégias, técnicas e instrumentos. A avaliação deve ser feita

in loco, junto dos estudantes, para compreender os processos que estes utilizam na resolução das tarefas.

O professor 5 atesta que a avaliação deve ser realizada dentro de um contexto, integrada ao processo de ensino, com a participação dos estudantes. Melchior (1994, p.15), afiança que as atividades avaliativas contribuem para o desenvolvimento integral do estudante. Por meio da análise dos resultados, “o aluno tem mais uma oportunidade de aprendizagem. [...] ao enfrentar o desafio de ter que resolver determinados problemas sozinho e verificar que não consegue, ele sente a necessidade de saber e buscar as soluções.

Prof. 1 “É o olhar da pessoa que te mede da cabeça aos pés e diz que você está bem ou mal arrumada. É uma espécie de julgamento. É um recurso que utilizamos para avaliar o andamento da aprendizagem do estudante”.

Prof. 3 “Esse assunto é muito polêmico. Uns acreditam em uma coisa e outros em outra. Entende? A escola espera uma coisa do professor, o estudante quer passar sem estudar e os pais querem reclamar. Acredito que ninguém vive sem avaliação. Os estudantes precisam ser avaliados e de maneira correta. Não pode ter queridinhos e nem privilégios. Não adianta ser amigo deste, daquele e do outro”.

Prof. 4 “Avaliação é um problema. Tanto na escola como fora dela. Não gosto de ser avaliada. Tenho esse temperamento explosivo, falo alto e, muitas vezes, as pessoas me acham mal-educada”.

As falas dos professores 1, 3 e 4 são fundamentadas por Oliveira (2007, p.26) quando sustenta que a avaliação é uma constante em nossa vida. Nas interações cotidianas, em casa em nossa trajetória profissional, ou em nossas atividades de lazer, “a avaliação sempre se faz presente e inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos e sobre o que estamos fazendo e também sobre o resultado de nossos trabalhos.

Os professores sabem o que fazer para que a avaliação tenha como foco a aprendizagem, mas o modo de como organizar e aplicar a avaliação é o que não está claro. Alguns até querem fazer o acompanhamento da evolução dos estudantes, eles sabem que o destino do estudante não pode ser decidido por meio de somente uma prova. Por isso, complementam a avaliação com exercícios e nota de participação.

Prof. 2 “Avaliação é o método de progressão de conhecimento. Gosto de ler Paulo Freire e ele diz que o conhecimento é construído. Muitas vezes, preciso ser radical porque os estudantes montam na nossa cabeça. Na verdade, gostaria que a avaliação fosse mais livre. A nota da prova não reflete o merecimento do estudante”.

Prof. 4 “Avaliação é um método utilizado para saber se o estudante compreendeu o conteúdo e analisar o quanto avançou seu conhecimento”.

Prof. 7 “Acho que é um assunto polêmico. Quando entramos para ministrar aulas em uma escola, a gestão já fala o número de avaliações que temos que dar. Muitas vezes entendo avaliação como prova, mas pode ser exercícios, redações, debates, etc.”.

Prof. 10 “Avaliação é um diagnóstico do aprendizado do estudante. Quero dizer que o estudante é responsável pelo seu aprendizado. Dou somente as ferramentas e o apoio para ele”.

Os professores 2, 4, 7 e 10 explanam sobre o conceito de avaliação e sua prática educativa, que deve estar atrelada ao processo educacional. Os professores entendem que a avaliação pretende acompanhar o avanço que o estudante tem em seu percurso acadêmico e seguem o que foi solicitado pela escola em relação à quantidade de provas ou outros instrumentos avaliativos.

Como relata Passarelli (2012, p. 171-172), “assumir o papel de educador, é ter a avaliação como uma prática educativa, cuja exigência está calcada na reflexão sobre o processo educacional”.

Prof. 2 “Dou as provas e uma das notas é de merecimento. Não chamo de participação. Tem gente quieta que participa mais do que os falantes. Desse jeito presto mais atenção nas atitudes deles do que na devolutiva de conteúdo. Conheço meus estudantes por nome. Sabe... preciso conhecer os pais. Os estudantes refletem suas crenças, seus valores, tudo mais”.

Ao mesmo tempo que o professor 2 apresenta uma postura rígida, afirma que precisa conhecer a família, as crenças e os valores que o estudante traz consigo. Perrenoud (1999, p.57) afirma que a relação entre estudante e professor, em geral, “une mais do que duas pessoas, já que o avaliador é o agente de uma organização complexa em nome da qual avalia, enquanto que o aluno faz parte de uma turma e pertence a uma família, estando esses grupos, por razões diferentes envolvidos pela avaliação de seus membros”.

No agrupamento 3, há a concepção de avaliação relacionada a prova e, consequentemente, a nota.

Prof. 3 “Avaliação é uma forma de punir o estudante. Acredito que a avaliação mede o que o estudante estudou. Quem não estuda não consegue responder à prova e fica reprovado. Alguns leem muito mal, outros não gostam de estudar, outros estão aqui porque a mãe mandou e, poucos, que desejam estudar”.

Prof. 4 “Para mim a avaliação é prova. Ou sabe ou não sabe. Em matemática não há meio certo. Tem professor que valida o raciocínio, mas não concordo com isso. Muitos dos estudantes ficam retidos em matemática. Acho que eles não estudam ou não se interessam. Uma vez dei um exercício na sala e o mesmo na prova. Nem assim eles acertaram”.

Prof. 9 “Alguns professores não falam sobre avaliação porque ficam inventando um monte de atividades diferentes e se perdem na hora de dar a nota, que é o que incomoda os pais. O aprendizado a vida vai ensinar durante todas as fases”.

Luckesi (2011, p.333) dialoga com a fala dos professores 3,4 e 9 quando afirma que “os instrumentos de coleta de dados para a avaliação não são elaborados de forma que solicitem aos estudantes, simples e diretamente, o que eles deverão manifestar que aprenderam”.

Para esses professores, alguns estudantes vão mal nas provas porque não estudam e não concordam com professores que aplicam atividades diferenciadas para avaliar e emitir

uma nota. Principalmente, na disciplina de matemática, o professor afirma que a correção “não tem meio termo” ou o raciocínio está certo ou errado.

Luckesi (2011, p.334) continua seu pensamento no tocante à avaliação resumida à prova e reitera que “o difícil não é o conteúdo aprendido e a ser respondido nos instrumentos, mas responder o que os professores solicitam”.

Prof. 3 “Uso a avaliação para que eles estudem alguma coisa. São punidos se vão mal. Dou as provas e as notas. Falo que se não estudarem ficarão reprovados. História, Filosofia e Sociologia têm de ler muito. Eles não gostam e os pais não ajudam nem para ver o aplicativo se tem lição. Não passo a mão na cabeça deles”.

Prof. 4 “Os estudantes também não gostam de ser avaliados, mas o regulamento pede e eu cumpro. Não faço “pegadinhas”, mas cobro aquilo que eu ensinei”.

Prof. 9 “Sou exigente nas avaliações da disciplina de matemática e, mais ou menos, vinte e cinco por cento da turma vai para o exame. Eles acham que eu podia flexibilizar um pouco na nota, mas não acredito em dar nota sem merecimento”.

Diante das falas dos professores 3,4 e 9, percebe-se que, para alguns professores a avaliação é um instrumento de punição ou de controle. A avaliação é encarada como um item obrigatório na escola, mas desvinculado da aprendizagem.

Santos Guerra (2007, p. 11) acredita em alguns caminhos para mudanças necessárias no ambiente escolar. A avaliação não é o final de um processo, mas o início de um novo processo mais rico e fundamentado. “A avaliação pode ser concebida e utilizada como um fenômeno destinado à aprendizagem e não apenas à comprovação da sua aquisição”.

Segundo Silva (2021), a formação do professor é imprescindível para este momento de transição na escola.

O atual e grande desafio posto para os cursos de formação de pedagogos (as) é o produzir conhecimentos que possam desencadear novas atitudes numa perspectiva inclusiva e que permitam a compreensão da diversidade manifestada na pluralidade cultural e de identidade. (Silva, 2021, p.40)

Professor e estudante além do laço de aprendizagem, iniciam laços de respeito, amizade e parceria. O desenvolvimento de projetos demonstra claramente como a inteligência emocional está ligada intimamente com a aprendizagem e o desenvolvimento global dos estudantes. A tecnologia é forte aliada da inclusão. Assevera Auricchio (2024), que

...sua eficácia oferece oportunidade a todas às pessoas. **Tecnologia Assistiva** é o termo usado para identificar todo o arsenal de **Recursos e Serviços** que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover **Vida Independente e Inclusão**. (Auricchio 2024, p.85)

Devido as contribuições relevantes apontadas nesta pesquisa, para realizar uma avaliação adaptada é necessário conhecer o tipo de deficiência ou deficiências o estudante possui, ter o cuidado de deixar a fonte maior, chamar a atenção do estudante utilizando

negrito, enxugar o enunciado deixando-o mais claro e preciso e, principalmente, aplicar a prova ou outro instrumento avaliativo com tranquilidade e tendo em mente que o estudante dará o melhor que puder para obter sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação como aprendizagem precisa ser vista como um processo contínuo, formativo e integrado ao processo de ensino e aprendizagem. O foco deste tipo de avaliação é o desenvolvimento integral do estudante, de modo que ele consiga ser protagonista e autor de sua aprendizagem. Para que aconteça essa aprendizagem, o professor necessita atuar como mediador, entre o estudante e o conteúdo.

Agindo dessa maneira, o professor ao elaborar sua avaliação precisa ter clareza de seus objetivos, da escolha de instrumentos avaliativos, da seleção de material ou de questões, caso retire da internet. Estamos caminhando para a avaliação como aprendizagem. Os professores estão percebendo que a aprendizagem é um processo em constante construção, que o professor é o mediador dessa aprendizagem e não o detentor do saber.

A formação continuada para o professor, pode auxiliá-lo a sair da zona de conforto e utilizar instrumentos e estratégias mais tecnológicas como a inteligência artificial, as metodologias ativas, visitas aos espaços museais, teatros e oficinas de cultura.

Nós, pedagogos, gostamos muito de falar sobre a Educação além dos muros da escola, agora é o momento de, realmente, realizar o que sempre pareceu utópico ou falácia dos estudiosos da Educação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão de constituição dos sentidos**. Psicologia Ciência e Profissão. Vol. 22, n. 2, jun., p. 222-245. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2006.

AURICCHIO, Leonam; AURICCHIO, Rosana. **Inclusão e Tecnologia: uma Parceria que traz novas Perspectivas para uma Sociedade Humana e Igualitária**. In: Conversas Pedagógicas 3: Inclusão. Emerson Salino (coord.). São Paulo: Jefte Editora, 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Brasil 70, 2020.

FERNANDES, Domingos. **Avaliação em Educação**: uma discussão de algumas questões críticas e desafios a enfrentar nos próximos anos. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 21, n. 78, p. 9-32, jan. /mar. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8998>. Acesso em: 01 nov. 2024.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafio**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1992.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando práticas**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem: componente do ato pedagógico**. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELCHIOR, Maria Celina. **Avaliação Pedagógica: função e necessidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

OLIVEIRA, E. D. **Formação de professores em avaliação da aprendizagem: o processo de formação inicial em debate**. São Paulo: Cortez, 2007.

PASSARELLI, L. G. **Teoria e prática na educação linguística continuada**. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. São Paulo: Cortez, 2012 p. 11-16.

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre, Artmed, 1999.

SANTOS GUERRA, Miguel Ángel. **Uma flecha no alvo: a avaliação como aprendizagem**. São Paulo: Loyola, 2007.

SILVA, Rafael Dias. **A Formação de Alunos dos Cursos de Pedagogia numa Perspectiva Inclusiva** In: Conversas Pedagógicas: Educação Infantil. São Paulo: Jefte Livros, 2023.